



TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA DE COVID-19: DESAFIOS DE PROFESSORAS NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Fernanda Cordeiro Lisboa¹

Raquel Quirino²

RESUMO

Durante o surto pandêmico da COVID-19 diversas mudanças se fizeram necessárias no mundo do trabalho, sobretudo no que diz respeito às modalidades e espaços de sua realização. Devido à necessidade do isolamento social, a fim de minimizar a proliferação do vírus e a consequente contaminação da população em massa, a implantação do trabalho remoto realizado em casa, mediado por tecnologias digitais - o chamado *home office*, foi implantado em diversas áreas profissionais. Dessa forma, o espaço público e externo, no qual se dá o trabalho produtivo e assalariado, migrou para o espaço privado, no qual se realiza um trabalho não remunerado e dedicado à reprodução das condições de existência - o trabalho doméstico. Dois ambientes distintos, nos quais a divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo/gênero se desenvolvem, foram transformados em um só. Especificamente no trabalho docente na Educação Básica, em que pese sua já propalada precarização, desvalorização e feminização, a implantação do Ensino Remoto Emergencial (ERE) somou-se à sobrecarga da mulher professora-mãe-esposa-dona de casa coma realização de uma prática educativa à distância, mediada por tecnologias digitais pouco usuais nas escolas públicas, bem como o entrelaçamento imprevisto dos seus espaços de trabalho público e doméstico. Desvelar como esse momento foi vivenciado pelas professoras, seus impactos, desafios e dificuldades, estratégias de resistência e de enfrentamento diante do trabalho múltiplo e simultâneo, da inusitada transformação de seu espaço público e privado em um só e da utilização compulsória de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no processo educativo é o que se buscou na presente pesquisa, a partir da análise das falas das docentes. A pesquisa teórico-empírica teve uma abordagem qualitativa, cujos sujeitos são professoras da Educação Básica que atuam nos Ciclos I e II, da Rede Pública Municipal de Educação de Belo Horizonte-MG que foram entrevistadas presencialmente utilizando-se um roteiro semiestruturado. Posteriormente trechos dos discursos das entrevistadas, que ajudem a responder as questões de pesquisa, foram selecionados e analisados à luz das teorias sobre Formação e Trabalho Docente e da Divisão Sexual do Trabalho.

Palavras-chave: Trabalho docente; ensino remoto emergencial; *home office*; divisão sexual do trabalho.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica (PPGET) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). nandacordeirolisboa@gmail.com;

²Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-UFMG). Professora Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica (PPGET) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). raquelquirino@cefetmg.br



INTRODUÇÃO

O mundo viveu a partir de 31 de dezembro de 2019 uma pandemia de doenças respiratórias causada por uma nova cepa de Coronavírus que não havia sido identificada até então em seres humanos: o SARS-Cov2. Para barrar a disseminação do vírus mortal, medidas de isolamento social foram tomadas por governos de diversos países, entre elas, a implementação do trabalho remoto, realizado no sistema *home office*¹ para todas as atividades compatíveis com o trabalho a distância.

No Brasil, a partir do alastramento do vírus e da doença, que provocou altas taxas de contaminação e óbitos, o isolamento social foi uma imposição, e o trabalho em *home office* tornou-se necessário e obrigatório em diversos segmentos da economia. Além da ansiedade e do medo causados pela pandemia, pelo desconhecimento da doença, pela falta de vacinas e pelos elevados números de óbitos, os/as trabalhadores/as vivenciaram, da noite para o dia, todas as suas práticas e rotinas alteradas em sua forma e local de realização. Em tese, o trabalho realizado de casa, na ótica da maioria das pessoas, proporcionaria mais horas de sono, nenhum percalço com os deslocamentos diários e uma oportunidade de passar mais tempo com a família. Na prática, no entanto, o que se vivenciou foi o sofrimento causado pela falta de sociabilização, pelas mudanças na rotina e pelo desgaste advindo da sobrecarga de trabalho. Nas escolas, a alteração da rotina de professores e estudantes também trouxe inúmeros desdobramentos.

A partir desse contexto, o presente artigo resulta de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica (PPGET) no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e buscou desvelar as vivências de professoras da Educação Básica da rede pública municipal de ensino da cidade de Belo Horizonte-MG durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE) implantado no período de isolamento social da pandemia causada pelo vírus SARS-Covid-19.

Em seus relatos foi possível evidenciar dificuldades e desafios, bem como estratégias de resistência e enfrentamento dos impactos causados pelo isolamento social para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem a distância. Como lidaram com o ensino remoto mediado pela utilização compulsória de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC); a transformação do ambiente domiciliar e familiar em salas de aula; a conciliação entre tarefas domésticas e as atividades docentes, assim como as consequências em sua prática docente e a vida pessoal.

¹Escritório em casa.



A PANDEMIA, O ISOLAMENTO SOCIAL E O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

A plataforma LinkedIn², maior rede social do mundo dedicada ao campo profissional, num levantamento sobre o comportamento das pessoas durante a pandemia, concluiu que 62% das pessoas tornaram-se mais ansiosas e estressadas com o trabalho do que estavam antes da introdução das atividades remotas. Janone (2021) mostra em seu estudo que 72% dos jovens profissionais acreditam que a pandemia prejudicou o aprendizado de habilidades comportamentais, como a comunicação e a inteligência emocional. Esse cenário também fez aumentar a demanda por tratamento de transtornos psíquicos, conforme pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Psiquiatria – ABO (2021).

De outra perspectiva, um grande contingente de trabalhadores e trabalhadoras – particularmente os profissionais de saúde – não puderam ficar em casa em razão do tipo de atividades que exercem. Outro grupo também teve de trabalhar presencialmente, mesmo no pico da pandemia, por questões de manter a renda para sobrevivência. É o caso de muitas trabalhadoras domésticas e outros profissionais que compõem uma realidade altamente atravessada não apenas por determinantes de gênero, mas também de classe social e raça.

Vale salientar que o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), agência de desenvolvimento internacional da Organização das Nações Unidas (ONU) chamou a atenção para a intensificação da desigualdade de gênero durante a pandemia. Responsável pelo tratamento de questões populacionais, a agência produziu o boletim intitulado “Igualdade de gênero, combate à violência baseada em gênero (violência de gênero) e prevenção, proteção e resposta ao coronavírus (COVID-19)” em 2020, no qual se faz um alerta sobre a disparidade entre os impactos da pandemia da covid-19 na vida das mulheres em comparação com os ocorridos na vida dos homens. Também se colocou em pauta nesse documento questões como garantia de acesso a serviços e cuidados de saúde sexual e reprodutiva, trabalho não remunerado, violência doméstica, entre outros assuntos sensíveis.

A pandemia evidenciou que o trabalho em *home office* exigiu muito mais empenho das mulheres. Segundo dados de pesquisa do Datafolha³, divulgados na reportagem “Pesquisa aponta que afazeres domésticos dificultam *home office* para 64,5% das mulheres”, de autoria de Fernanda Mena e veiculada em 2020, 57% das mulheres que passaram a trabalhar

²<https://br.linkedin.com/>

³O Datafolha é um instituto de pesquisas do Grupo Folha, conjunto de empresas coligadas do qual também faz parte o jornal Folha de S.Paulo.



remotamente disseram ter acumulado a maior parte dos cuidados domésticos. Entre os homens, esse percentual cai para 21%.

Segundo dados referentes a 2019, levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mulheres dedicam, em média, 18,5 horas semanais aos afazeres domésticos e cuidados de pessoas como crianças e idosos. A média para os homens é praticamente a metade – apenas 10,3 horas semanais são dispensadas nessas atividades. Confirmando essa disparidade de gênero no *home office*, uma pesquisa da Workana (2022 mostra que 31,3% das mulheres latino-americanas cuidam dos filhos enquanto trabalham). Entre as brasileiras, esse percentual sobe para quase 50%. Entre os homens brasileiros, por sua vez, apenas 11,1% disseram acumular as duas tarefas. O trabalho em *home office* exarceba, assim, o trabalho múltiplo e simultâneo realizado pelas mulheres (ROSA, 2022). Logo, o que já era um fato constatado na sociedade torna-se ainda mais evidente.

No que se refere ao trabalho docente na educação básica, já tão precarizado, desvalorizado e feminizado, a implementação do ERE provocou uma sobrecarga de trabalho para a mulher que é professora-mãe-esposa-dona de casa. A realização da prática educativa à distância, mediada por tecnologias digitais pouco usuais nas escolas públicas, bem como o entrelaçamento imprevisto dos seus espaços público e doméstico de trabalho gerou um desgaste grande para as profissionais da educação. Após um longo período de fechamento das escolas e com nenhuma atividade presencial, a implementação do ERE como medida mitigadora evidenciou muitas lacunas relacionadas às habilidades tecnológico-digitais. E, no que se refere à aquisição dessas habilidades, Ribeiro (2013) afirma que, de acordo com diferentes estudos, as desigualdades digitais apresentam forte relação com critérios de renda e com marcadores sociais da diferença, como raça, gênero e idade.

Também considerando as diferentes realidades dos discentes, segundo Oliveira, Oliveira (2022, p. 10):

É possível declarar que o formato de ensino remoto emergencial expõe uma realidade de alunos que encontram dificuldades na forma de acessar as aulas, pois não são todos que tem acesso à internet e a um dispositivo móvel, sendo assim, tornando-se impossível eles terem a oportunidade de acompanhar o andamento das aulas de forma online. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2022, p. 10).

A dificuldade de acesso à internet também foi um dos fatores que dificultaram a aprendizagem durante o ensino remoto emergencial e foi ponto de discussão entre vários pesquisadores e estudiosos. Esse aspecto observado, que passou a ser chamado de



“desigualdades digitais”, esteve presente principalmente em escolas públicas e foi responsável por grande parte dos obstáculos enfrentados por alunos, famílias e professores durante o ERE.

De acordo com Ribeiro, Parreiras e Macedo (2020), citado por Oliveira e Oliveira (2022), desigualdades digitais apresentam forte correlação com critérios de renda:

Infelizmente, a falta de acesso a tecnologias é uma realidade principalmente dos alunos das escolas públicas, já que elas abrangem alunos e familiares sem condições financeiras para custear a compra de equipamentos eletrônicos o acesso à internet. De acordo com esse fato, as instituições buscaram meios para que esses alunos não fossem prejudicados. Materiais impressos eram disponibilizados nas escolas e os responsáveis de cada aluno ficaram incumbidos de buscar e devolver esses materiais com as resoluções das atividades (p.17).

No que diz respeito ao ERE, vale ressaltar o que nos lembra Behar (2020) quando estabelece a diferença entre Ensino Remoto Emergencial e Educação a Distância, que segundo ela não podem ser compreendidos como sinônimos, pois:

O termo “remoto” significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. É emergencial porque do dia para noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado. (BEHAR, 2020).

Cruz, Coelho e Ferreira (2021) também tecem considerações sobre as dificuldades enfrentadas por grande parte dos professores e alunos, especialmente da Rede Pública de ensino, ao ser forçados, da noite para o dia, a transformação de suas rotinas e planejamentos:

Primeiro de um lado professores/as imersos num contexto de dificuldades para trabalhar remotamente, sem formação para o planejamento e realização de atividades apenas com aparatos tecnológicos que demandam conhecimento para manuseio. Uma parcela significativa não dispõe de uma conexão banda larga de qualidade e equipamentos adequados, que propiciem uma participação inovadora e ativa na sua prática pedagógica, postura tão requisitada a ele/a nesse contexto de distanciamento social. Aliada a todas essas conjunturas, uma situação que não pode ser ignorada: todas/os estão em suas respectivas residências, com nova rotina de docência em tempos de pandemia: saberes e ensino remoto estabelecida para toda família, em razão das medidas adotadas pelos estados e municípios para manutenção do distanciamento social. (p. 1010-1011).

Ainda que o público afetado pelos impactos causados pela pandemia e pela implementação forçada do ERE seja constituído por uma diversidade de sujeitos (docentes, discentes e respectivas famílias, este estudo, buscando um recorte, elegeu como foco os impactos que atingiram mais especificamente as vidas de mulheres professoras, especificamente dos Ciclos I e II da Rede Pública Municipal de Educação de Belo Horizonte.

A escolha por esse recorte se deu em razão de o ensino nesses segmentos estar



majoritariamente a cargo de mulheres precarizadas, mal remuneradas, que necessitam acumular múltiplas jornadas de trabalho em escolas diferentes e em conciliação com o trabalho doméstico. O objetivo era o de entender o quanto e como tal sobrecarga, aliada às dificuldades relativas ao uso profissional das tecnologias digitais de informação, somou-se ao desafio de transformar o espaço doméstico em sala de aula no trabalho com crianças na faixa de 6 a 11 anos de idade, sobretudo alunos das camadas populares.

Para realizar essa investigação, quatro professoras da Educação Básica, foram convidadas a participar do estudo, respondendo às seguintes questões: De que forma vivenciaram o momento da crise sanitária? Quais os impactos causados na prática educativa, na saúde, nas relações familiares e sociabilidades das mulheres professoras? Como desenvolveram o processo ensino-aprendizagem à distância, mediado por tecnologias digitais? Como se deu a divisão sexual do trabalho doméstico no contexto de pandemia e do ERE? Quais dificuldades tiveram? De quais estratégias lançaram mão diante dessa situação imprevisível?

Em síntese, buscou-se compreender como essas mulheres vivenciaram a transformação do ambiente doméstico em espaço profissional, quando o trabalho desempenhado em sala de aula migrou para o ambiente domiciliar. E finalmente como lidaram com as TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) e os demais desafios em sua prática e os impactos sobre a sua saúde e sociabilidade.

METODOLOGIA

A pesquisa teórico-empírica teve uma abordagem qualitativa, segundo Gatti e André (2013). Essa abordagem defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, que levam em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influência recíprocas.

Martins (2022) fundamenta-se em Bogdan e Biklen (1994), direcionando as principais características dessa abordagem:

tem o ambiente natural como fonte dos dados; o pesquisador é também o “instrumento-chave” de observação e análise; é essencialmente descritiva; a principal fonte de evidências é o processo e não somente os resultados; a análise de dados tende a ser indutiva; o significado das observações é a principal preocupação. (MARTINS, 2022, p. 38).

Com efeito, pesquisas bibliográficas foram realizadas em sites, artigos científicos, teses, dissertações, livros e órgãos oficiais para constituição do referencial teórico sobre o cenário geral e local da pandemia de covid-19, o isolamento social, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e outros temas relevantes à pesquisa.



A coleta de dados se deu tendo como lócus a Rede Pública Municipal de Educação de Belo Horizonte – MG, cujos sujeitos de pesquisa foram professoras da Educação Básica, atuantes nos Ciclos I e II. Atualmente há 3.144, que serão selecionadas por meio de uma solicitação formal. Os contatos dessas professoras foram fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) da Prefeitura Municipal de Educação de Belo Horizonte.

O instrumento de pesquisa inicial foi composto de um questionário on-line (*Google Forms*), que selecionou as participantes para as entrevistas presenciais. Todos os questionários tiveram em comum a seção de dados demográficos (escolaridade, sexo, faixa etária, estado civil). Além disso, o questionário conteve sete questões (abertas/fechadas) contidas, que demandaram do participante 15 minutos para respondê-las.

O contato com as professoras foi realizado via telefone, whatsapp ou e-mail, quando foram explicitados os objetivos da pesquisa. Ao mesmo tempo foi solicitado um encontro presencial para a realização de uma entrevista semiestruturada. Segundo Minayo e Costa (2018), essa entrevista difere do tipo aberta, por obedecer a um guia que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador na interlocução. Por ter um apoio claro na sequência ordenada de um roteiro, a abordagem dos entrevistados é assegurada, sobretudo, aos investigadores menos experientes, para que tenham suas hipóteses ou pressupostos contemplados numa espécie de conversa com finalidade. No entanto, os que assim trabalham correm o sério risco de não inovarem e de apenas obterem respostas a seus questionamentos, quando não dão margem para ouvir, de forma livre, as relevâncias dos interlocutores em campo.

Aquelas que concordaram e tiveram disponibilidade para a participação, foram entrevistadas pela pesquisadora, por meio de um roteiro preliminar. As entrevistadas receberão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que assinaram autorizando a entrevista, a gravação em áudio e a utilização de trechos para a análise posterior e citações no texto final da dissertação. Dessa forma, tiveram quatro professoras entrevistadas, cujos nomes foram substituídos pelos pseudônimos de Rosa, Margarida, Ipê e Orquídea; duas com perfil sócio- econômico de classe média baixa e as outras duas sendo de classe média alta; a faixa etária compreende a partir dos 49 anos. Os dados foram retirados da Plataforma *Google Forms* e das entrevistas semiestruturadas.

Após as entrevistas, todo o conteúdo dos áudios foi transcrito na íntegra pela pesquisadora e, com base nos objetivos elencados, alguns trechos das respostas às questões propostas, foram selecionados para análise à luz dos referenciais teóricos escolhidos. Por se tratar de uma pesquisa que tem com o foco o “trabalho” como categoria central, a análise dos



dados empíricos será feita de forma dialética, a fim de se evidenciar as contradições inerentes à prática social das professoras durante o isolamento e a atividade docente no ERE, a divisão sexual do trabalho doméstico, os impactos oriundos dessa vivência e da utilização das tecnologias digitais na docência.

Os referenciais teóricos escolhidos que foram utilizados para confronto dos dados empíricos comungam com o materialismo histórico dialético que objetiva por meio da tríade tese-antítese-síntese se aproximar da compreensão da essência, para além da aparência dos fenômenos. Os convites para participação foram emitidos eletronicamente e enviados diretamente para endereços postais da rede de contatos da pesquisadora responsável.

As pessoas que desejaram participar tiveram acesso à primeira página do formulário, que contém uma explicação preliminar para a pesquisa. Aceitando prosseguir, o convidado teve acesso ao TCLE. Após conhecimento do TCLE, o participante deu início ao preenchimento do questionário, com a ressalva de que, a partir do momento que começar a responder ao questionário, isso será considerado como aceitação livre e esclarecida, como preconizado pelo Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021, que traz as orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As professoras dos Ciclos I e II da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, foram questionadas sobre o trabalho assalariado a ser realizado no espaço doméstico, os impactos sobre sua saúde e sociabilidade com a família, a falta de privacidade, o espaço físico reduzido e a divisão sexual do trabalho doméstico.

Acerca da transformação do espaço doméstico em sala de aula, Margarida, umas das entrevistadas, é bastante enfática quando aborda a sua dificuldade, uma vez que seu esposo também estava trabalhando em *home office*:

Olha, foi bem complicado. Tanto que na época eu acabei montando um escritório pra mim pra eu conseguir trabalhar. Juntar casa com escola não foi fácil. [...] As dificuldades que eu vi foi antes de eu montar o meu escritório, cada dia eu estava em um ponto da casa. Porque meu marido, também, ficou em *home office* trabalhando. (MARGARIDA, 2023).

Como Margarida tem um poder aquisitivo mais elevado, montar um escritório foi a solução encontrada. No entanto, nem todas as professoras entrevistadas tinham essa condição. Rosa, por exemplo, queixa-se da falta de privacidade, pois o seu quarto era constantemente

“visitado virtualmente” por seus alunos: “Primeira coisa foi lidar com a privacidade. Minha casa, meu quarto.[...]. Agora, outra pessoa visitar visualmente o meu quarto, foi uma coisa muito estranha, foi a primeira barreira que eu tive que superar.” (ROSA, 2023).

Questões relativas à saúde e sociabilidade também fazem parte dos relatos das professoras. Orquídea, por exemplo, que já tinha uma saúde frágil, sofreu ainda mais os impactos do isolamento e da falta de contato humano. Relatou agravamento do seu quadro depressivo. Também Margarida, aborda a questão da saúde: “Física abalou bastante. Hoje estou começando a ajuntar os resquícios. Acabei tendo uma fascite plantar. Tive um problema de ombro. Agora, graças a Deus está tudo entrando no eixo”. (MARGARIDA, 2023).

Queixas relativas à saúde docente durante a pandemia são corroboradas por autores quando define estresse de professores como

a experiência [...] de emoções desagradáveis e negativas, como raiva, ansiedade, tensão, frustração ou depressão, resultantes de algum aspecto do seu trabalho como professor. Seu modelo percebe o estresse como uma experiência emocional negativa, desencadeada pela percepção do professor de que sua situação de trabalho constitui uma ameaça à sua autoestima ou bem-estar. (KYRIACOU, 2001; KYRIACOU E SUTCLIFFE, 1978).

Quanto à realização do trabalho doméstico; se tinham ajuda, se dividiam com o marido, enfim, como foi ser professora, esposa, mãe e dona de casa ao mesmo tempo durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE), evidenciam-se nos relatos pontos interessantes acerca das atitudes dos maridos quando suas esposas não saíam mais de casa para o trabalho.

Eu tinha uma pessoa que vinha duas vezes por semana. Mas ela, essa pessoa trabalhou comigo 27 anos. Mas, nessa fase, assim, ela já era, ela já tinha se aposentado e era diarista duas vezes. E, ela era até diabética, também, e mesmo que não fosse eu não deixaria vir né? Então, eu continuei a remunerando. Ela já era aposentada e tudo, mas eu continuei remunerando-a normalmente. Porque não era mais justo né? Mas, muitas tiveram dificuldade. Aí eu tive que fazer tudo: é comida né? Passar roupa não é isso? Arrumar casa. Então, ficou bem acumulado. Além disso, a preparação das atividades para enviar para os alunos seja via WhatsApp, da forma que era né? Nos tomava muito tempo! Então, de manhã já começava sentada no computador ou o que fosse né? Para preparar as atividades. Aí dá uma ajeitada nas coisas, rapidamente, e já voltava porque tinha aula de WhatsApp. Tirando isso tudo, ainda tinha os pais que quando chegava em casa queriam notícias. Então, foi bastante acumulado né? Eu falo para você que hoje em dia o *home office* né? Ele parece que tá dominando uma parte do trabalho. Mas, eu gostei da experiência não. [...] Na pandemia imagina você né? Então, foi um trabalho difícil de conciliar e, eu acho que a mulher...que não tô falando que o homem não faça não né? Eu sou de um grupo que os homens da minha família fazem de tudo, tá? Mas, querendo ou não, a mulher ela tem um peso maior na vida parece, né? (IPÊ, 2023).

Desta forma, sobre a divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres, Hirata e Kétgoat pontuam que



[...] Por toda parte e sempre, o “valor” distingue o trabalho masculino do trabalho feminino: produção “vale” mais que reprodução, produção masculina “vale” mais que produção feminina (mesmo quando uma e outra são idênticas). Esse problema do “valor” do trabalho – termo empregado aqui no sentido antropológico e ético, não no sentido econômico – atravessa toda a nossa reflexão: ele induz a uma hierarquia social. Valor e princípio de hierarquia, sob aparências múltiplas, permanecem imutáveis: o trabalho de um homem pesa mais do que o trabalho de uma mulher. E quem diz hierarquia diz relação social. (HIRATA E KÉRGOAT, 2003, p. 11).

Kérigoat (2002) alerta que o trabalho reprodutivo é aquele que se realizam as atividades do cuidado e da reprodução da vida, sendo um elemento fundante da divisão sexual do trabalho e, portanto, funcional e integrado ao modo de produção capitalista.

(...) tornou-se coletivamente “evidente” que uma enorme massa de trabalho era realizada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho era invisível; que era feito não para si, mas para os outros e sempre em nome da natureza, do amor e do dever maternal (...); é como se sua atribuição às mulheres, e somente a elas, fosse automática e isso não fosse visto nem reconhecido. (KERGOAT, 2009, p.68-69).

Também para as professoras solteiras a situação não foi diferente,

A gente tinha uma empregada, domesticamente falando, eu tive que ter uma empregada para dar conta do serviço doméstico, porque eu não tava dando conta. Ficar com a minha irmã mais porque ela não dava conta. O meu irmão, eu tenho um irmão que mora com a gente né? Também né? Teve que se adequar e tudo pra gente, também, não espalhar a pandemia, não ter aquela coisa toda. Então, eu preferi não ter um cuidador para ter mais alguém em casa, diferente, para não piorar a situação que já tava ruim. Mas, dividir meu tempo: bom, até tantas horas eu tô doméstica. (ORQUÍDEA, 2023).

Aí eu tentei me controlar. Nos primeiros dias eu trabalhava seis horas. Nisso, fui prejudicando a saúde por isso. Aí depois eu fui me controlando. Falei assim: não, gente, não tem condição de eu trabalhar essas horas por dia. Porque eu tenho minha casa. Não sou eu que faço almoço é minha mãe. Mas, eu tenho que arrumar minha casa, eu tenho que cuidar das minhas coisas, eu tenho outras coisas para fazer. Então, eu fui controlando. (ROSA, 2023).

Sobre tal tema, Toledo (2008) pondera que

ao mesmo tempo em que a inserção da mulher no mundo do trabalho produtivo possibilitou o início de sua libertação, também impôs a esta mulher trabalhadora uma duplicação de sua jornada de trabalho, uma vez que ela não foi liberada do trabalho doméstico. (TOLEDO, 2008, p.38).

Em consonância é válido destacar a fala de Margarida: “Não tivemos nenhum apoio da prefeitura. Foi tudo do bolso da gente: internet, computador. Foi bem confuso, não vou te negar. Apoio zero da prefeitura”. (MARGARIDA, 2023). Não obstante, mais uma vez percebem-se as causas e consequências do trabalho assalariado ser desempenhado em um

espaço doméstico.

Todavia, a alteração do dia a dia das pessoas e o cumprimento de horários que se diferem fizeram com que essas plataformas fossem robustecidas como canais exclusivos de comunicação, permitindo que a vida relacional que perpassa a forma digital se tornasse abruptamente suspensos. (PERON, 2020). O que é corroborado nos excertos de falas das professoras,

[...] Eu acho que em todo o mundo. E, isso, uma situação que eu não pensei nunca em viver nem como pessoa, nem como profissional. Então trouxe sim, impactos. No início né? A gente...eu pensei...eu, particularmente pensei, pela falta de vivência eu acho que todos pensamos que seria uma coisa de pouco tempo e foi se arrastando, se alongando e, a nossa casa passou a ser o ambiente de trabalho, também. É o de convívio, de trabalho e, também, por exemplo, eu e meu esposo, minha filha, também, que mora em São Paulo veio para cá. Todos nós tínhamos as nossas atribuições e as nossas coisas para fazer. Meu marido, ele é engenheiro, é empreiteiro, ele não parou de trabalhar né? (IPÊ, 2023).

A pandemia durou o quê? Quase um ano ou mais, né e tal? No caso, assim, que foi mais sério, né? Então, impactou bastante porque no período da pandemia a gente na escola, a gente teve o não presencial. No início a gente não teve, não sei se vai tocar nesse assunto aí um pouco, né e tal? A gente lembra o não presencial que estava um pouco mais tranquilo, mas tinha a preocupação: como é que tá sendo isso com os meninos? Como é que a gente vai fazer a escola engajada nisso? E, quando começou a questão do não presencial que era Meet e essas coisas assim e tal e a preocupação era de dar melhor, né? [...]. (ORQUÍDEA, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida apontou as várias faces do ERE frente a pandemia de covid-19. Nota-se que as professoras entrevistadas tiveram que exercer suas estratégias de luta e resistência; se permitiram apreender novas metodologias, o saber-fazer e o saber-ser-pedagógicos, como evidencia Paulo Freire na aprendizagem, diante do cenário internacional inusitado. Em seus relatos descreveram a falta do lugar de pertencimento com a divisão do tempo, das tarefas mediante a junção do espaço privado com o público; a falta de acesso a internet principalmente por parte dos alunos, a latente defasagem educacional sem muito auxílio do órgão que atuam.

Em suma, a produção textual adquirida não se esgota por aqui. Ela elenca a relevância de aprofundar na temática a fim de trazer mais senso crítico, acessibilidade para a formação de professores ser genuína e satisfatória. Visando não apenas perspectivas para a comunidade acadêmica, mas a sociedade com conhecimentos tácitos e teóricos, permitindo assim, aos atores envolvidos mais aplicabilidade e resultados pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem instituído por cada instituição.



REFERÊNCIAS

BEHAR, P. A. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. UFRGS, 2020. Disponível em: . Acessado em 08/10/2020.

CRUZ, Lilian Moreira; COELHO, Lívia Andrade; FERREIRA, Lúcia Gracia. Docência em tempos de pandemia: saberes e ensino remoto. **Debates em Educação**, Alagoas, v. 13, n.31, jan/abr.2021.

[Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas | Agência de Notícias \(ibge.gov.br\)](#). Acesso em: 10 março. 2022.

ESTUDOS relacionam aumento de problemas físicos e mentais durante a pandemia. **CNNBrasil**, Rio de Janeiro, 01 novembro 2021. Disponível em: [Estudos relacionam problemas de saúde físicos e mentais com o home office | CNNBrasil](#). Acesso em: 03 nov. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 1996. Disponível em: http://educadores.educacao.ba.gov.br/system/files/private/midiateca/documentos/2016/pdf_-_pedagogia_da_autonomia-paulofreire.pdf. Acesso em: 16 out. 2022.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). **Metodologia da pesquisa em educação: teoria e prática**. 3.ed. Editora Vozes, 2013, p.29-38.

HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. O conceito de trabalho. In: **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

<https://br.linkedin.com/> Acesso em: 10 nov. 2021.

IGUALDADE DE GÊNERO, COMBATE À VIOLÊNCIA BASEADA EM GÊNERO (VIOLÊNCIA DE GÊNERO) E PREVENÇÃO, PROTEÇÃO E RESPOSTA AO CORONAVÍRUS (COVID-19) – UNFPA (23/03/2020). Disponível em: [gbv.pdf \(unfpa.org\)](#) Acesso em: 10 abril. 2023.

KÉRGOAT, Danièle. A relação social de sexo da reprodução das relações sociais à sua subversão. **Pro-posições**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 47-59, 2002.

KERGOAT, Danièle. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. In: HIRATA, Helena et. AL. (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

MARTINS, Ronei Ximenes (org.). **Metodologia de pesquisa científica: reflexões e experiências investigativas na Educação**. – Lavras: UFLA, 2022. 281p.



MATTAR, João. **Metodologia da pesquisa em educação:** abordagens qualitativas, quantitativas e mistas/ João Mattar, Daniela Karine Ramos. 1 ed. – São Paulo: Edições 70, 2021.

MENA, Fernanda. **Pesquisa aponta que afazeres domésticos dificultam home office para 64,5% das mulheres.** Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br/> Acesso em 09 de maio. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, Portugal, n. 40, p.10-20, 2018.

O PÓS-PANDÊMICO É ATUAL PANDÊMICO: por imaginários desgovernados, 10 de junho de 2020 - Alcides Eduardo dos Reis Peron. Disponível em: <https://www.comciencia.br/wp-content/uploads/2021/04/cropped-ComCiencia6.jpg> Acesso em: 12 abril. 2023.

OLIVEIRA, Maria Gabrielle Lazariny de; OLIVEIRA, João Lucas. **Ensino remoto emergencial na educação básica durante a pandemia de covid-19:** como duas professoras trabalham a adição nesse novo cenário educacional em duas escolas públicas municipais. 2022. Trabalho de conclusão de curso. Instituto Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2022.

RELATÓRIO DA ONU: ano pandêmico marcado por aumento da fome no mundo, UNICEF, 12 julho 2021. Disponível em: [Relatório da ONU: ano pandêmico marcado por aumento da fome no mundo \(unicef.org\)](https://www.unicef.org/pt-br/relatorio-da-onu). Acesso em: 01 de maio. 2023.

RIBEIRO, L. C. Q. *et al* **Desigualdades digitais:** acesso e uso da internet, posição socioeconômica e segmentação espacial nas metrópoles brasileiras. *Análise Social*, v. 207, n. XLVIII (2º), 288-320, 2013.

ROSA, Mislene Aparecida Gonçalves. **Competências do feminino? Normas, saberes e valores no ofício de costureiras.** 2022. 176p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres:** o gênero nos une, a classe nos divide. 2 ed. São Paulo: Sundermann, 2008.